



**“Nenhum Brasil Existe”:
Atmosferas Conspiratórias
e Cosmovisão Reacionária
nos Documentários
da Brasil Paralelo**

*“No Brazil exists”:
Conspiracist
Atmospheres and
Reactionary Worldview
in Documentaries
by Brasil Paralelo*



Erick Felinto¹

¹ Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ e pesquisador do CNPq. Autor de oito livros e diversos artigos científicos em português, inglês, francês, espanhol e alemão sobre temas de teoria da comunicação, estudos de cinema e cibercultura. Foi membro do Conselho deliberativo da Socine em dois mandatos, membro fundador da Abciber e presidente da Compós. Atualmente é diretor do Laboratório de Estudos da Imagem e do Imaginário (Labim). E-mail: erickfelinto@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar os elementos e articulações de um imaginário conspiratório presente no documentário *Pátria Educadora*, produzido pelo canal de streaming Brasil Paralelo. Minha hipótese principal é que tal imaginário deve ser investigado não somente no plano semântico dos significados produzidos no discurso audiovisual, senão também na dimensão das atmosferas que atuam como coadjuvantes de tal discurso. Propõe-se que tal análise deva se dar na interface entre o campo dos estudos políticos, dos afetos e das tecnologias de comunicação.

Palavras-chave: Brasil Paralelo; Imaginário; Atmosferas; Documentário; Tecnologias midiáticas.

Abstract: This paper analyzes the conspiracy elements and articulations present in the documentary *Pátria Educadora*, produced by the streaming service Brasil Paralelo. My main hypothesis is that such conspiratorial imaginary must be investigated on the semantic level of the audiovisual discourse, as well as on the dimension of the atmospheres that act as co-adjutants for said discourse. Such an analysis must intersect political studies, affects and communication technologies.

Keywords: Brasil Paralelo; Imaginary; Atmospheres; Documentary; Media Technologies.

O recente êxito de projetos políticos e ideológicos conservadores em nível global não pode ser explicado sem recurso a uma investigação das forças de ordem imaginária que sustentam tais projetos. Ainda que, pelo menos até a modernidade, parecesse possível entender a categoria do político unicamente a partir de determinações racionais, a imaginação sempre foi componente fundamental das decisões populares e da estruturação dos sistemas políticos². Hoje, porém, seu impacto foi não somente potencializado (graças à proliferação das mídias eletrônicas), mas também se tornou muito mais claramente perceptível, dada a relevância que as imagens, signos e dimensões imateriais da experiência apresentam no cotidiano das sociedades tecnologicizadas. Fazendo menção ao clássico conceito de “sociedade do espetáculo”, cunhado por Guy Debord na década de 1960, Chiara Bottici (2014, p. 2) nota que “a própria possibilidade de localizar a realidade desapareceu”, de modo que “o virtual arrisca tornar-se o mais real”. Não é casual, portanto, o fato de que afetos e emoções ocupem atualmente posição central nas pesquisas sobre eleições e campanhas políticas. Para Raoul Girardet (1987), estruturas de pensamento mítico sempre estiveram presentes nos sistemas ideológicos mais diversos, que funcionam sob a influência de narrativas imaginários poderosas, como as fantasias sobre figuras messiânicas e teorias da conspiração. Em uma época de tremenda influência dos meios de comunicação eletrônicos, as dimensões do entretenimento, da imaginação e da experiência sensorial não poderiam senão cumprir um papel central na constituição da cena política.

O objetivo deste trabalho é precisamente investigar as configurações básicas do imaginário conservador em produtos midiáticos de grande impacto. Para ser mais preciso, elege-se como objeto uma série documental que pode funcionar como uma mirada microscópica da imaginação reacionária no Brasil contemporâneo. Essa investigação tomará em conta não somente a construção das imagens em produtos audiovisuais, mas também as atmosferas ou ambiências que circundam tais imagens e atuam como coadjuvantes na produção de determinados discursos ideológicos. Em outras palavras, o que se pretende é entender como os conteúdos semióticos desses discursos se entrelaçam com a produção de efeitos não semânticos (som, iluminação, cor etc.) para a construção de uma persuasiva imagem conspiratória do real, na qual se desenrola uma secreta e secular batalha entre o bem e o mal.

² A importância dos afetos, sentimentos e imaginação no campo dos estudos políticos cresceu tanto nos últimos anos que deu origem, inclusive, à expressão “virada afetiva” (*affective turn*). Cf. Hoggett e Thompson (2012).

Brasil Paralelo é um serviço de streaming que produz conteúdos para o público conservador. O nome é uma confissão de fé: não somente se trata de buscar um posicionamento supostamente independente (paralelo) ao que se considera como a visão “mainstream” dos meios de comunicação tradicionais (naturalmente cooptados por um projeto de dominação esquerdista), senão também de produzir visões “paralelas” da história, narrativas revisionistas, discursos que questionem tudo que seus proprietários creem ser uma perspectiva “de esquerda”. Com um faturamento de mais de 30 milhões de reais por ano, o serviço possui hoje mais de 300 mil assinantes. São números expressivos inclusive para um país de dimensões continentais como o Brasil, mas com enorme desigualdade de acesso aos meios de informação eletrônicos. A especialidade da Brasil Paralelo é a produção de documentais “educativos” que têm como objetivo apresentar a seu público a “verdade histórica” dos fatos e sem qualquer tipo de “ideologização”³ de seus conteúdos.

O produto que me interessa de forma particular é o documentário *Pátria Educadora* (2020), que traça uma história alternativa da educação no Ocidente, marcada pela percepção de uma progressiva decadência dos valores pedagógicos tradicionais e dos bons costumes escolares. Se se entende educação como “busca da verdade”, fundada na tradição cristã e na ideia das artes liberais, então certos fatos históricos como a Revolução Francesa e o Iluminismo não serão senão marcos essenciais desse vasto processo de destruição da verdade. O inimigo que se deve combater é, portanto, a secularização da sociedade, promovida pelo racionalismo científico e as ideologias libertárias e progressistas. O que tenciono mostrar é que, não obstante a importância fundamental dos significados ideológicos de *Pátria Educadora*, deve-se atentar também para a forma como tais discursos são “encapsulados” e apresentados ao público. Em outras palavras, trata-se de sugerir que a análise do material audiovisual ganha novas dimensões quando complementada por modos de leitura e interpretação que contemplem a dimensão extrasemântica da obra, suas “atmosferas”, sua criação de climas afetivos e ambientes emocionais. Tal forma de leitura demanda uma atenção especial às *Stimmungen* dos objetos culturais, ou seja, às “materialidades da comunicação” que, sem ser em si mesmas sentido, são componentes essenciais para a produção

³ Ver a seção “Sobre nós” no site da Brasil Paralelo. Disponível em: https://www.brasilparalelo.com.br/sobre?utm_medium=home. Acesso em: 19 fev. 2023.

do sentido no processo comunicacional⁴. Essa perspectiva não é, de modo algum, inovadora. Podemos encontrá-la no trabalho de Inês Gil, *A Atmosfera no Cinema*. Para a autora, a atmosfera “rege as relações do homem com o seu meio físico e afectivo. Não é por acaso que os expressionistas alemães a associavam à noção de *Stimmung* – um tipo de disposição de espírito e de alma emanante das ‘coisas’ do mundo” (GIL, 2005, p. 18). Sua ação no domínio do audiovisual pode se dar de diferentes modos, sempre de forma sutil e, por vezes, quase imperceptível, porém, sempre um “fenômeno activo que pode deixar um rastro importante na memória” (GIL, 2005, p. 25)

O termo alemão *Stimmung* deriva de voz, *Stimme*, e tem relação com fenômenos de natureza sensorial, com afetos de ordem corporal, como os sons ou as percepções tácteis. Hans Ulrich Gumbrecht (2011, p. 13) define a leitura de *Stimmungen* como uma espécie de solicitude à dimensão das forças que circundam nossos corpos como “realidades potencialmente físicas e assim podem desencadear ‘sentimentos internos’ (*innere Gefühle*)” sem que um nível de representação esteja necessariamente envolvido. De fato, a noção de *Stimmung* conquistou uma posição relevante nas práticas investigativas das ciências humanas graças a uma série de pensadores alemães, como Gumbrecht, Gernot Böhme, Hermann Schmitz ou Martin Seel. A segunda proposição de minha abordagem é a centralidade do que se poderia definir como “atmosferas conspiratórias” no imaginário conservador atual. Em outras palavras, trata-se de criar a sensação de uma permanente suspeita, de que algo vai muito mal neste mundo e que se pode identificar o responsável por esses males – ainda que normalmente este apareça como uma entidade difusa, indefinida. Não é casual o fato de que hoje se fale tanto das “fake news”, o revisionismo histórico e as teorias da conspiração. Para a imaginação reacionária, a linearidade temporal se rompeu; “time is out of joint”, como diria Hamlet⁵, e agora é imprescindível “to set it right” de novo.

O interessante na imaginação conspiratória é, como afirma Jenny Rice (2020, p. 12), a noção de que “nossas molduras familiares de evidência, que enfatizam validade ou fidelidade empírica, são excessivamente limitadas para a compreensão do que se passa aqui”. Faz-se necessária, pois, uma *hiperimaginação*

⁴ A definição é de Hans Ulrich Gumbrecht (2004, p. 8): materialidades da comunicação seriam “todos aqueles fenômenos e condições que contribuem para a produção do significado sem serem significados em si mesmos”.

⁵ Trata-se da célebre expressão utilizada por Hamlet na obra de Shakespeare *The Tragedy of Hamlet, Prince of Denmark*.

explicativa que esteja à altura da complexidade assustadora de nossa situação. O que emerge, assim, é uma ideia particular de evidência como “um processo *afetivo*, em lugar de um artefato estático” (Rice, 2020, p. 13). A conspiração pode ser claramente articulada no nível discursivo ao mesmo tempo que apenas sugerida por meio de figurações visuais (a obscuridade, faces borradas, símbolos como máscaras) e auditivas (trilhas sonoras espectrais e aterradoras, tonalidades dramáticas). A popularidade coetânea de teorias conspiratórias tem muito a ver, segundo Pierre-André Taguieff, (2021, p. 9) com um processo de mundialização percebido como incontrolável e pleno de ameaças, um potente gerador de ansiedades sociais. Essa ansiedade tomou forma muito palpável com a reunião do Fórum Econômico Mundial de 2020, em Davos. Partindo da ideia de que a pandemia de covid-19 representaria uma oportunidade para “reimaginar e redefinir nosso mundo para criar um futuro mais saudável, justo e próspero”, nas palavras de Klaus Schwab, chefe do Fórum, surge a expressão “the Great Reset”, que gerou mais de 8 milhões de interações no Facebook e foi compartilhada no Twitter mais de dois milhões de vezes desde sua aparição⁶. Na narrativa conspiratória sobre “the Great Reset”, as iniciativas de restrição de movimentos e bloqueios de fronteiras não foram introduzidas para conter a infecção, senão para provocar um colapso econômico global que levaria, finalmente, à instauração de um governo socialista mundial. Pouco importa, neste caso, a aparente contradição contida na ideia de um governo socialista regido por milionários e a elite global. A lógica do imaginário, como afirmou Gilbert Durand, é uma lógica do paradoxo. A dimensão afetiva suplanta, assim, os argumentos racionais.

Como se pode identificar esses sinais, atmosferas e fantasias conspiratórias no microcosmo da Brasil Paralelo? Antes de tudo, parece sintomático que a empresa utilize tantos recursos financeiros para combater sua imagem conspiratória e negacionista. A intensidade do *lawfare* dirigido a investigadores ou entidades como a Wikipedia, com quem a produtora se envolveu em uma disputa judicial, é talvez um dos indícios mais evidentes do caráter ideológico e das inclinações revisionistas da Brasil Paralelo. Um de seus documentários mais populares, *7 denúncias: as consequências do caso covid-19*, consiste, por exemplo, em uma série de críticas a medidas de combate à pandemia, como o uso de máscaras e o distanciamento social. Em *Pátria Educadora*, a sugestão

⁶ Ver a reportagem da BBC “‘Great Reset’: como plano econômico virou teoria da conspiração global”. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57666500>. Acesso em 21 fev, 2023.

conspiratória já aparece na animação digital que abre o documentário. Vemos uma escola com cadeiras vazias, em um ambiente escuro e triste. O quadro negro se converte em uma tela de cinema com imagens de Brasília, seguida por bilhetes de dinheiro que desembocam na imagem de dois políticos apertando as mãos – em uma sugestão de negociatas feitas sobre um mapa-múndi. O simbolismo aqui é importante, já que se trata de apresentar ao público conspirações globais secretas. Finalmente, vemos a imagem de um protesto e de confusão na sala de aula, que termina com o título “Pátria” em letras de pedra e a palavra “educadora” abaixo em grafite. A música é minimalista, com um padrão rítmico elementar e repetitivo, quase monótono, mas implicando certo mistério.

É importante assinalar o papel essencial que os efeitos de som e a trilha sonora desempenham no documentário. Como explica Inês Gil (2005, pp. 155-157), “a atmosfera fílmica sonora adquire, por vezes, uma tal importância que excede a atmosfera visual [...] a música extradiagética funciona frequentemente como uma extensão virtual da representação”. Algo é expresso que por vezes tem profunda relação com as imagens e, por outras, se encontra em choque com elas, gerando um efeito de perturbação sensorial. Em *Pátria Educadora*, o espectador percebe, de forma didática e logo no início da narrativa, que está a ponto de entrar em uma zona de corrupção, de destruição de valores tradicionais e de complôs para seduzir os jovens por meio de estratégias de prédica ideológica. A música reforça a ideia de um mistério a ser revelado, da repetição de um padrão histórico que se desenrola por séculos e séculos de tentativas de destruição do ensino. O caráter teatral dessa introdução está em conformidade com um traço geral da sensibilidade estética contemporânea, do que Gernot Böhme (2019, p. 14) define como “uma época teatral” (*einem theatralischen Zeitalter*), como um novo Barroco. O espetacular é parte fundamental da cultura visual contemporânea, na qual as atmosferas exprimem “algo indefinido (*Unbestimmtes*) e difícil de dizer” (Böhme, 2019., p. 21), para além da retidão racional. Essa é a linguagem sedutora dos meios de comunicação que apelam às sensibilidades de um público jovem, em busca de mensagens simples, rápidas e digitalmente compactadas. É um fato curioso de nossa época a habilidade com a qual a mentalidade reacionária soube apropriar-se dos meios e linguagens contemporâneos – e de modo possivelmente mais eficaz que o campo progressista⁷.

⁷ Em *The Revolution that wasn't* (2019), Jen Schradie defende que, hoje, o ativismo digital favorece os conservadores e as elites econômicas, que ainda detêm a posse de várias plataformas digitais.

A visão histórica de *Pátria Educadora* é a de uma progressiva decadência dos ideais pedagógicos. A Revolução Francesa e o Iluminismo, por exemplo, são tratados como componentes decisivos desse terrível questionamento das noções tradicionais de verdade e autoridade, que alcança seu cume com o marxismo e a secularização da sociedade. Nesse contexto, o ensino público compulsório – culpa, segundo a *Brasil Paralelo*, da Reforma Protestante – se estabelece como ferramenta de controle ideológico. Não surpreende, pois, que as melhores escolas nesse mundo de trevas fossem as militares ou católicas e que agora seria necessário defender o papel da família e do *homeschooling* na formação das mentes infantis. Para a mentalidade conservadora brasileira, os Estados Unidos são o último bastião de resistência ante os avanços do projeto de dominação socialista. Todos os discursos, hoje tão populares e vigorosamente defendidos por celebridades da extrema direita, como Olavo de Carvalho, sobre o direito de possuir armas ou a importância da educação no lar foram inteiramente importados da experiência norte-americana. Aqui se expressa um aspecto singular do imaginário da classe média brasileira. A tradição de presentear as debutantes e as crianças com viagens à Disney exprime a profunda fantasia da América do Norte como terra paradisíaca, onde manam leite e mel pelas ruas e todos são inteiramente livres para perseguir a liberdade de empreender.

Não por casualidade o termo “empreendedorismo” se converteu em uma consigna no Brasil da nova direita. Se não és rico, é porque não trabalhas e não empreendes para isso. De acordo com Rodrigo Nunes (2022), a noção de “empreendedorismo” é um elemento estrutural da psicologia do “bolsonarismo”. O êxito dos *digital influencers* de direita, a extrema popularidade de *vloggers* conservadores são fatos que se encontram em estreita relação com a ideia de um grande “movimento empreendedorístico” que acompanhou a onda reacionária. “Mesmo quando não conduz a uma carreira na política, o ‘empreendedorismo’ político sempre envolve vantagens pecuniárias”, escreve Nunes (2022, p. 92). Essa é uma ideia que está inclusive nas bases da criação de *Brasil Paralelo* por um grupo de jovens empresários do sul do Brasil. No fim das contas, por que não combinar um projeto pedagógico para o novo Brasil tradicionalista (sim, percebo que a frase soa contraditória) com uma promissora fonte de lucro?

Em *Pátria Educadora*, o trajeto histórico da decadência educacional culmina no Brasil com a ascensão do Partido dos Trabalhadores ao poder. O PT e sua aliança com o celebrado educador Paulo Freire foram responsáveis pela introdução do marxismo cultural nas universidades e o conseqüente estado de penúria e desordem (para não dizer mesmo “balbúrdia”) das instituições de ensino. Como repetem

os entrevistados do documentário, as universidades recebem muito dinheiro, mas são ineficazes, as instituições estão enfermas e as investigações acadêmicas, ideologicamente desviadas, se dedicam a temas pornográficos, à pedofilia ou à defesa da “ideologia de gênero” – questões que não contribuem com as demandas sociais do país. Segundo as palavras de um (dos muitos) ex-ministros da educação de Bolsonaro, Abraham Weintraub, as universidades são “fábricas de mini-revolucionários”.

Deve-se assinalar que, não obstante sua propaganda de neutralidade ideológica, a Brasil Paralelo é muito criteriosa com a escolha de seus entrevistados. Quase todos são claramente defensores de um projeto político e cultural de extrema direita, com a eventual aparição de uma ou outra celebridade intelectual de esquerda, como Slavoj Žižek, mas geralmente fora de contexto. Os discursos dos conservadores são em geral acompanhados por uma trilha sonora tranquila, relaxante, inspiradora, ao passo que as falas de indivíduos como Paulo Freire ou Lula se fazem sobre o fundo de composições sombrias, misteriosas e por vezes levemente dissonantes. Observemos o que sucede durante o testemunho pessoal de Paulo Freire sobre sua história familiar, cuja narrativa simples e intimista é envelopada por uma música de notas longas, cadências arrastadas e quase sem o repouso de acordes tônicos. Entretanto, a mudança de atmosfera sonora para o próximo entrevistado, Thomas Giuliano (identificado somente como “professor e autor de um livro sobre Paulo Freire”), é muito evidente. Ainda que igualmente misterioso, o acompanhamento sonoro se torna agora mais alegre e afirmativo. A transição se sente como uma passagem platônica do mundo das sombras e da falsidade à luz da verdade.

A visão histórica de *Pátria Educadora* é típica das teorias conspiratórias. Como explica Michael Butter (2020, p. 21), essas teorias “estão baseadas na presunção de que seres humanos são capazes de dirigir o curso da história de acordo com suas próprias intenções – em outras palavras, que a história é planejável (*plannable*). Elas atribuem aos conspiradores a habilidade de controlar o destino de um país ou mesmo do mundo por anos ou décadas”. A progressiva degradação do sistema educacional não é, portanto, resultado de uma série de causas complexas e eventos aleatórios sem relação necessária, senão um programa cuidadosa e intencionalmente articulado ao longo de séculos de história. Nesse programa, a ciência, a filosofia, as escolas são atores sociais que operam conjuntamente e de modo articulado para a destruição da verdade (ou, pelo menos, da verdade cristã). Não importa que as interpretações dos fatos sejam parciais, simplistas ou enviesadas, o necessário é construir uma narrativa linear na qual os acontecimentos se encadeiem com perfeição matemática. É a partir dessa proposta que um dos entrevistados afirma, sem constrangimento algum, que,

para Kant, “o conhecimento racional é impossível”⁸. As imagens de arquivo são escolhidas cuidadosamente (muitas, claro, em preto e branco) e em geral são escuras, com granulação, por vezes mesmo fora de foco, como que sugerindo a natureza confusa e desagregadora dessa história da desintegração das tradições.

Paulo Freire, o grande inimigo da boa educação no Brasil, recebe significativa parcela de tempo no documentário. Para explicar seu êxito mundial, inclusive no paraíso do capitalismo, os Estados Unidos, é necessário sugerir que as forças comunistas infiltraram as instituições universitárias em nível global. Entretanto, nem mesmo a igreja escapa dessa contaminação, perpetrada, principalmente, pela teologia da libertação. A trajetória profissional de Paulo Freire é explicada por essa rede de conexões, que o vincula, por exemplo, a Dom Paulo Evaristo Arns, “um dos maiores disseminadores da teologia da libertação no Brasil”, como observa um dos entrevistados. Naturalmente, essa rede de conexões vai resultar na fundação do Partido dos Trabalhadores. Diversas articulações políticas se desenrolam ao redor de Paulo Freire, revelando as íntimas relações do projeto socialista com um programa político-ideológico. Para a Brasil Paralelo, a educação não pode ter conteúdo político, posto que corre o risco de tornar-se um processo de doutrinação.

Os três episódios de *Pátria Educadora* compõem um retrato microcômico do imaginário neoconservador no Brasil. Seus eixos básicos podem ser sintetizados em quatro ideais: 1. A resolução para os males do presente deve ser buscada no passado longínquo da tradição, no mundo da verdade absoluta e única; 2. a história é pensada como manifestação de um complô secularista (e comunista, evidentemente) para a destruição da verdade; 3. a verdade tem uma fundação metafísica que, claro, se assenta na crença no Deus do monoteísmo cristão; 4. a diferença e o acaso são expressões do caos que deve ser combatido em benefício do retorno da verdade única. Para tanto, o combate deve ser precedido pela revelação dos processos secretos da história, das reais intenções dos agentes que clamam lutar pela igualdade social. *Pátria Educadora* é, portanto, uma expressão do mito platônico da caverna. Para que possa vencer, a luz deve iluminar as trevas com os raios da razão, mas uma razão estribada na crença religiosa (claro, de uma religião específica). O combate é feroz

⁸ A afirmativa parece descabida em referência a um filósofo que escreveu: “a lei da razão para buscar unidade é necessária, já que sem ela não haveria razão e, sem esta última, nenhum uso coerente do entendimento” (Kant, 1956, p. 611). A caracterização de Kant como inimigo da razão e da religião já aparece numa polêmica travada, em 2019, entre Olavo de Carvalho (1947-2022), uma celebridade intelectual do pensamento conservador e convidado frequente das produções da Brasil Paralelo, e um grupo de professores universitários de filosofia. Ver a reportagem do jornal *O Globo* em: <https://oglobo.globo.com/brasil/olavo-de-carvalho-esta-errado-nao-entendeu-kant-dizem-tres-nomes-de-destaque-da-academia-brasileira-23440419>. Acesso em: 20 fev. 2023.

e por vezes exige inclusive que se utilizem as armas do inimigo. Espetacularização e apelo estético são instrumentos indispensáveis em uma época de “progressiva estetização da realidade”, segundo as palavras de Gernot Böhme (2019, p. 7).

Desse modo, a *Brasil Paralelo* não economiza recursos na produção de seus documentários, num esforço de torná-los palatáveis e atraentes ao público mais amplo possível. É difícil dizer, todavia, se o esforço tem êxito. As mais de três horas de *Pátria Educadora* se desenrolam dolorosamente, ao ritmo de uma narrativa em *off* acompanhada de ilustrações e legendas explicativas que tratam o espectador como um aluno de escola primária (um dos entrevistados, ao final de sua explicação sobre a assimilação de Aristóteles pelo mundo cristão, chega a perguntar: “deu para entender?”). Ao longo dos três episódios, a sucessão histórica de quadros é acompanhada por música instrumental de caráter minimalista e repetitivo. É certo que esse acompanhamento inócuo não produz o risco de desviar a atenção do público, mas acaba cooperando para a constituição de uma atmosfera geral de irresolução, sufocamento e lentidão temporal. Os ambientes nos quais são filmadas as entrevistas frequentemente reforçam essa sensação. São escritórios pouco iluminados, com a indefectível biblioteca ao fundo, nos quais se recorta com luz suave a figura dos entrevistados.

Nesse sentido, a seção em que Olavo de Carvalho “explica” a filosofia kantiana é curiosamente emblemática do documentário. Diante de sua aparentemente vasta biblioteca, o entrevistado afirma que, para Kant, tudo que conhecemos é uma projeção de nossas estruturas cognitivas. Vemos, então, uma espécie de quadro negro no qual aparecem dois círculos com as palavras “Aparência” e “Coisa em Si”. De certo modo, é como se fôssemos prisioneiros dentro de nossas próprias mentes, sem nenhum acesso direto à famosa *coisa em si* – ou seja, ao mundo como este se revelaria sem as distorções de nossas limitações perceptivas. De novo, a escura caverna platônica na qual chafurdam os acorrentados é simbolicamente evocada. A trilha agora é sombria, com um violino que parece entoar a tristeza dessa visão limitada, que, de acordo com a voz em *off*, irá desembocar no relativismo contemporâneo. Essa apresentação de Kant funciona quase como uma encenação da ambiência que atravessa praticamente todo o documentário: aprisionamento, espaços limitados, dificuldade de enxergar qualquer coisa com clareza. A imagem que segue é de uma pintura do alemão Julius Fehr (1860-1900) representando um rabino que lê manuscritos em seu estúdio pobremente iluminado. O pintor era conhecido por suas representações de figuras humanas, especialmente fazendeiros, em situações

de embaraço e dificuldade com as inovações da vida moderna⁹. De forma casual ou intencional, a mensagem imagética não poderia ser mais significativa. Aqui nos defrontamos, de fato, com uma cosmovisão que não consegue lidar com o avanço do tempo. Na verdade, a impressão que se tem é de que o Ocidente começou a dar errado já desde o final da Idade Média. A história é encarada como catástrofe, como uma descida progressiva ao inferno da mundanidade pós-religiosa.

Pátria Educadora representa, desse modo, o intrigante e paradoxal encontro entre uma visão de mundo profundamente conservadora e o universo das tecnologias e ambientes digitais. Conteúdos da produtora podem ser acessados em plataformas tão diversas como Spotify, Youtube, Google Podcast e Deezer. O progresso tecnológico é, assim, submetido a um tribunal teocrático ao mesmo tempo que empregado estrategicamente como ferramenta de proselitismo. Seus conteúdos são muito transparentes quanto ao imaginário que lhes serve de base. Entretanto, os símbolos e mitos desse imaginário são sempre acompanhados pela criação de ambiências que complementam a mensagem ao nível da sensibilidade e dos afetos materiais. Tais ambiências, como toda e qualquer atmosfera, não são tão perceptíveis quanto seus conteúdos ideológicos, mas igualmente importantes na construção das mensagens.

Nesse contexto, a tarefa da teoria é investigar não somente a produção de sentidos nos meios, senão também a constituição de atmosferas sonoras e visuais, a dimensão “material” dos processos de comunicação. Essa tarefa é particularmente importante no campo da política. Para Chiara Bottici (2014, p. 11), “a política sempre foi imaginal, porque não podemos pensar em política sem imaginar um público e um clamor por legitimidade [...] o papel das imagens na política contemporânea é tal que elas já não podem somente mediar nossos assuntos políticos, senão que agora corremos o risco de que façam a política em nosso lugar”. A questão que nos cabe responder agora é: que tipo de imaginário político queremos para nossa sociedade?

Referências

BÖHME, G. *Atmosphäre: Essays zur neuen Ästhetik*. Berlin: Suhrkamp, 2019.

BOTTICI, C. *Imaginal politics: images beyond imagination and the imaginary*. New York: Columbia University Press, 2019.

BUTTER, M. *The nature of conspiracy theories*. Cambridge: Polity, 2021.

⁹ Cf. o verbete Julius Fehr, da Wikipedia alemã. Disponível em https://de.wikipedia.org/wiki/Julius_Fehr. Acesso em: 20 fev. 2023.

GIL, I. *A atmosfera no cinema: o caso de A Sombra do Caçador* de Charles Laughton entre onirismo e realismo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2005.

GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUMBRECHT, H. U. *Stimmungen Lesen: Über eine verdeckte Wirklichkeit der Literatur*. München: Carl Hanser, 2011.

GUMBRECHT, H. U. *Production of presence: what meaning cannot convey*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

HOGGETT, P.; THOMPSON, S. *Politics and the emotions: the affective turn in contemporary political studies*. New York: Continuum, 2012.

KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. Hamburg: Felix Meiner, 1956.

NUNES, R. *Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição*. São Paulo: Ubu, 2022.

RICE, J. *Awful archives: conspiracy theory, rhetoric, and acts of evidence*. Columbus: The Ohio State University Press, 2020.

SCHRADIE, J. *The revolution that wasn't: how digital activism favors conservatives*. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

TAGUIEFF, P-A. *Les théories du complot*. Paris: Humensis, 2021.

submetido em: 14/08/2023 / aprovado em: 25/08/2023